

**EM BUSCA DE DEFINIÇÕES PARA O BILINGUISMO: UM MAPEAMENTO DOS
ESPAÇOS DE APLICAÇÃO DA LÍNGUA INGLESA NA CIDADE DE NATAL**

Marília Gabriela da Silva Cavalcanti CAMPOS (Graduada – UFRN)
Juliana Pereira Souto BARRETO (Doutora – UFS)

Resumo: O fenômeno do bilinguismo vem crescendo no Brasil e, conseqüentemente, esse crescimento chega à cidade de Natal. Enquanto fenômeno e, ainda que, passível de observação, a manifestação bilíngue em espaços escolares é relativamente recente e, portanto, sua definição torna-se ainda um tanto “nebulosa”. No intuito de desvelar essas prováveis confusões entre conceitos e espaços em que se aplicam, pretende-se, com este artigo, apresentar algumas entre as diversas compreensões de uso para o termo bilinguismo, bem como para a educação bilíngue no Brasil e, mais especificamente, no contexto da cidade de Natal. Para tanto, ao longo do trabalho, faz-se referências ao que se compreende por conceito de bilinguismo para, então, descrever os espaços de atuação desse ensino, dito bilíngue a partir de suas características. Ao final do trabalho, é sugerido uma reflexão acerca da importância de se ter uma definição mais clara quanto ao conceito bilíngue e sua aplicação nos espaços de contexto educacional, a fim de maximizar as chances não só dos profissionais da área, mas de toda a comunidade escolar, de saber como direcionar os seus interesses, bem como de se desenvolver o mais próximo possível do objetivo a ser alcançado. Aponta-se, também, alguns desdobramentos a partir dos resultados aqui apresentados no intuito de direcionar as razões aparentes do crescimento quanto ao fenômeno bilinguismo e para onde começam a seguir as pesquisas.

Palavras-chave: bilinguismo, educação bilíngue, contexto educacional

Introdução

Ao trabalhar por dois anos e meio em uma escola bilíngue na cidade do Natal, a pesquisadora detectou uma dificuldade de compreensão de algumas famílias e de profissionais em relação ao que seria o bilinguismo. Considerando a quase inexistência de formação específica para profissionais da área e dada a relevância do tema, foi identificada a necessidade da busca por definições que pudessem melhorar a compreensão a respeito do tema bilinguismo.

Ao tentar definir o ser bilíngue, Grosjean (2013, p. 4) destaca algumas concepções errôneas e muito comum a respeito desse tema. Muitos acreditam que o ser bilíngue seria aquele indivíduo que domina duas línguas fluentemente ou ainda que

não possui sotaque em nenhuma dessas línguas, o que, segundo o autor, não corresponde à realidade da maioria dos bilíngues. Dito isto, observa-se um crescimento do fenômeno “bilinguismo” em todo o Brasil. No entanto, para efeitos de recorte e concentração de estudos, voltamos nosso olhar para a realidade do contexto educacional da cidade de Natal, e de como esse crescimento vem acontecendo para a comunidade local de forma mais específica. O aprendizado de inglês vem, há muito tempo, sendo reconhecido como um diferencial educacional, pois inclui aqueles que aprendem, mais facilmente em uma cultura global, além de abrir o leque de possibilidades na inserção do indivíduo ao mercado de trabalho. Para Wei (2000 apud Marcelino, 2009, p. 11), “ser bilíngue traz vantagens nos campos comunicativo, cognitivo e cultural”. O ensino de inglês em escolas privadas não costumava ser reconhecido como de qualidade, Marcelino (2009 p. 2), destaca diversos motivos da ineficiência do ensino de inglês em escolas regulares, como a falta de fluência dos professores, o pouco tempo de aula, o número de aulas insuficientes, muitos alunos em sala de aula, entre outras questões. Por esses motivos, é comum, entre as famílias, que desejam que seus filhos aprendam realmente a língua, colocá-los em institutos de idiomas.

As escolas regulares, posteriormente, passaram a oferecer de forma terceirizada os serviços dos institutos de idiomas, o que Marcelino (2009, p. 2) chamou de momento de transição, “[...] uma tentativa de escolas regulares melhorarem o ensino de idiomas”. Atualmente, ocorre o fenômeno do surgimento de escolas que ‘se denominam bilíngues’ é cada vez maior a presença do ensino “dito bilíngue” o que tem se tornado um diferencial para as famílias ao escolherem a escola de seus filhos.

Em busca de definições para o bilinguismo

O bilinguismo foi classificado de variadas formas por diversos autores, segundo Butler e Hakuta (2004, apud FLORY, 2009, p. 28), “não há um consenso entre os pesquisadores acerca de uma definição de bilinguismo”, eles classificam o bilinguismo em quatro dimensões, a linguística, a cognitiva, a desenvolvimental e a social, a partir

delas, são definidos critérios para se considerar uma pessoa bilíngue. Neste sentido, os autores afirmam que há uma vantagem nessa diversidade de classificação, “o fato de elas abarcarem o processo de desenvolvimento inerente ao Bilinguismo, sem fixá-lo em um momento específico, como o da proficiência máxima nas duas línguas, por exemplo” (BUTLER; HAKUTA, 2004, apud FLORY, 2009, p. 29).

Reforçando o questionamento a respeito do que seria o ser bilíngue ou proficiente, Marcelino (2017, p. 59) destaca que “há de se observar a diferença entre a L2 *em uso* e a L2 sendo parafraseada com a estrutura da L1 com algumas palavras da L2 inseridas”, o que justifica a diferenciação de modos de aquisição citada no texto, em especial, no que se refere ao critério cognitivo-linguístico. Esses e outros conceitos não citados, podem contribuir para se pensar os resultados que serão obtidos no ensino de inglês em diferentes espaços de ensino.

Pesquisa nas escolas

Percebendo o aumento do número de escolas “ditas bilíngues” na cidade de Natal, surgiu a curiosidade de compreender o que seria essa educação que tem sido tão valorizada e, ao mesmo tempo, identificar as diferenças existentes entre as variadas escolas que oferecem esse serviço. Trata-se de uma pesquisa exploratória, por ser um tema ainda pouco estudado, a investigação foi feita a partir de uma revisão bibliográfica, além disso, um questionário foi aplicado para coordenadores, que estão em contato direto com a prática de ensino de inglês nas escolas, é também uma pesquisa descritiva que busca estabelecer uma relação entre a pesquisa e a realidade do ensino de inglês nas escolas da cidade.

Para esta pesquisa, foram selecionadas escolas de acordo com os dados retirados do Censo Escolar 2017. Com a intenção de estabelecer critérios de recorte para a nossa pesquisa, foram selecionadas escolas privadas do município de Natal, Rio Grande do Norte, com mais de duzentos alunos matriculados no ensino fundamental, anos iniciais. Os institutos de idiomas também foram contabilizados uma vez que estes são espaços

que fazem parte de um cenário de formação bilíngues.

Foram feitas pesquisas nas páginas de internet oficiais das escolas (*websites*) e utilizados os dados oferecidos pelas próprias instituições a respeito do ensino de inglês, também por meio de ligações telefônicas e de aplicação de um questionário criado no *google forms* e enviado por *e-mail* para o profissional ou setor responsável pelo ensino de inglês nas respectivas instituições. Nos *websites*, foram observadas a presença ou não de ensino ou programa bilíngue, no segundo caso, a presença ou não de um programa externo, além da metodologia utilizada. Para aquelas escolas notadamente utilizadoras de programa bilíngue, utilizamos as informações do *website* do próprio programa.

Com o objetivo de identificar, classificar e mapear de forma geral quais modelos de ensino da língua alvo têm sido utilizado atualmente em nosso contexto educacional, dado ao evidente aparecimento de escolas que se denominam bilíngues, foi feita uma pesquisa com o objetivo de tentar classificar esses espaços como com ensino de inglês regular na grade curricular, bilíngues ou com programas bilíngues, e, assim, relacionar e, quem sabe, buscar a compreensão para o bilinguismo e sua conceituação pela instituição.

Análise dos dados

Ao identificar o responsável pelo programa de idiomas, foi possível perceber que, das trinta e nove escolas contactadas, sem contar com as três bilíngues, onze possuem coordenação específica para o inglês, dentre estas, três trabalham com o ensino regular e as outras oito, com um programa bilíngue. Ou seja, em vinte e cinco escolas, o responsável pelo inglês dito “bilíngue” é o próprio coordenador do fundamental I e, em alguns casos, a pessoa que responderia seria o próprio professor de inglês. Ao entrar em contato com a pessoa responsável pelo ensino de inglês, era solicitado o e-mail para que fosse enviado o questionário. Recebemos a resposta de apenas cinco escolas. Dessas cinco que responderam, três contam com coordenador de inglês e duas não.

A respeito do questionamento sobre a carga horária semanal, percebemos que há

uma grande variação de horas de aulas de inglês de uma escola para outra, as escolas que responderam, mostraram uma variação de duas a dez horas semanais. As que oferecem inglês diariamente, por pelo menos uma hora, já se denominam bilíngues, algumas até com menos horas, demonstrando que existe um interesse comercial na utilização de tal título, que passou a ser entendido como sinônimo de status e, talvez, até mesmo de qualidade de ensino, o que pode nem sempre corresponder à realidade. Como explicita Marcelino,

O *boom* das escolas bilíngues e a demanda mercadológica (Marcelino, 2009) se impõem perante as escolas, que precisam do seu “selo educação bilíngue” para permanecerem competitivas. No entanto, as escolas variam muito na forma como implementam a L2 em seu currículo, de forma que não há uma identidade clara definida para educação bilíngue em São Paulo. (MARCELINO, 2017, p. 58)

Essa identidade clara definida para a educação bilíngue citada por Marcelino também não ocorre na cidade do Natal. Com relação à presença ou não de programa bilíngue, duas escolas responderam que utilizam, três responderam que não utilizam, sendo que uma dessas últimas trabalha com um tipo de programa próprio da escola, contando com cinco horas semanais. Os programas bilíngues citados por essas duas escolas foram o “Sistema Positivo” e a “International School”, ambos anteriormente identificados em outras escolas na pesquisa por websites. Enviamos e-mails para os programas bilíngues, solicitando o nome das escolas utilizadoras do programa/método, porém obtivemos resposta de apenas um deles.

Por fim, questionamos as escolas a respeito de suas metodologias e foram identificadas duas escolas que se autodenominavam sócio-interacionistas, uma como tradicional, uma citou no item ‘outros’ o communicative approach e, por último, uma citou o método “CLIL” - Content and language integrated learning, que significa aprendizagem integrada de conteúdo e linguagem e incluiu o sociointeracionismo e “Communicative Approach” nas observações ao final do questionário.

Na maior parte das escolas, não existe uma coordenação específica para o ensino

da língua inglesa, sendo assim, em sua maioria, responsabilidade do coordenador do fundamental I, ou, por vezes, a cargo do próprio professor de inglês. Por ser um estudo muito recente, é possível que os profissionais não tenham se sentido a vontade para responder questões específicas do ensino de inglês. Entende-se, por isso, que não há uma integração entre a proposta pedagógica defendida pela escola e os métodos utilizados no ensino de inglês ou nos programas bilíngues que vêm sendo implantados, uma vez que parece não haver um diálogo, uma coordenação, que faça esta conexão entre essa nova estrutura que acaba de chegar às escolas, além de poucas pessoas saberem responder a respeito.

Ensino de Inglês (na escola regular)

Dentro desse grupo e a partir do que observamos nas respostas ao nosso questionário, bem como das tentativas de contato com as escolas, consideramos o Ensino de inglês na escola regular aquelas que mantêm o inglês com aulas de 40 até 50 minutos, dentro da grade curricular normal da escola, ocorrendo aproximadamente de uma a duas aulas na semana, distribuídas em um ou dois dias da semana. As aulas normalmente costumam ocorrer com base em uma concepção de ensino mais tradicional, com foco no ensino da língua pela língua. Ou seja, no ensino de inglês, aspectos sintáticos e morfológicos são ensinados a partir da leitura e interpretação de textos com bastante foco na gramática.

Esse formato já está perpetuado e ocorre há muitos anos. A carga horária das escolas com ensino de inglês regular, que responderam ao questionário, variou de uma a duas horas semanais e, apesar do que foi dito anteriormente, o questionário revelou escolas que trabalham com o ensino de inglês, mas dizem ter metodologia de ensino sócio-interacionista. É possível que as escolas de ensino regular estejam tentando se aproximar das novas tendências apresentadas no ensino de inglês, ou seja, as de programa bilíngue.

Nota-se também que essa categoria, de ensino de inglês na escola regular, possa

orientar-se pelo que dita o conteúdo do livro adotado para aquele segmento específico, ficando, portanto, os professores “a mercê” de editoras e séries específicas, uma vez que se adota um material específico e se paga um valor por isso, acaba por cobrar-se também pela utilização desse mesmo material. Ressalta-se ainda que, em 100% das escolas pesquisadas, os materiais adotados são produzidos por editoras estrangeiras que, em parceria com editoras brasileiras, tornaram-se líderes de vendas para esse segmento em escolas regulares. Algumas dessas editoras são Oxford, Cambridge, MacMillan, Pearson, dentre outras.

Institutos de Idiomas

Os Institutos de Idiomas, de forma geral, contam com duas aulas semanais que variam entre uma hora e uma hora e meia, as quais estão distribuídas em dois dias alternados na semana ou em horas corridas aos sábados. Os métodos variam bastante de acordo com o público a que se dirige, como infantil, adulto, profissionais entre outros. De modo geral, esses espaços têm como característica o uso de repetições como forma de aprendizado, notando-se forte influência do behaviorismo, como mostra o trecho a seguir:

segundo essa concepção, a premissa é a de que o aluno aprende a LE através do condicionamento e da formação de hábitos linguísticos. O método audiolingual, que enfatiza a repetição e a memorização, é um bom exemplo disso. (...) É o professor quem organiza e controla a aprendizagem através, por exemplo, de *drills*, exercícios mecanicistas e repetitivos que focam a aquisição da forma da língua, tanto fonológica quanto gramatical. Por esse método e nessa concepção, a repetição de padrões linguísticos implica a automatização da língua. (SCHULZ, 2012, p. 5)

Essa influência é percebida a partir da análise dos materiais adotados por esses institutos, materiais didáticos, cujas atividades se apresentam em formato de *drills*, exercícios de fixação, com bastante repetições entre outras características decorrentes de

um modelos de abordagem mecanicista, portanto behaviorista.

Além de ser dado bastante ênfase à gramática e ao uso correto da língua, caracterizando-se por extensos períodos de aprendizagem, o que não colabora com a ânsia de muitos de aprender o inglês para utilizar em práticas cotidianas, como por exemplo, viagens e intercâmbios, além do poder pensar ou sair do padrão de repetições. Daí, começam a surgir cursos com a promessa de aprendizado rápido, com foco na conversação, o que também parece ser uma incoerência, uma vez que para se desenvolver linguisticamente e de forma rápida, teríamos que apelar ao bom e velho behaviorismo. Porém, se, por outro lado, quiséssemos, de fato, sujeitos para atuar em conversação, sendo protagonistas de seus diálogos, teríamos que utilizar de uma abordagem mais cognitivista e sociocultural, em que o sujeito toma o papel ativo, pesquisador, e isso não aconteceria de forma rápida.

Observou-se, também, que pela falta de regulamentação para esses espaços, institutos de idiomas, os profissionais contratados, em sua maioria, não dispõe de uma formação específica voltada para o segmento, possuindo, apenas um bom nível na língua alvo e sendo muitas vezes formado para atuar em outras áreas. Pesquisa realizada na cidade de Natal aponta que apenas 20% dos professores que atuam em Institutos de Idiomas possuem formação em Letras (Barreto, 2002, p. 72). Ressaltamos que tal pesquisa já é caduca, o que poderia indicar um valor ainda mais expressivo nos dias atuais, não podemos porém fazer tal afirmação, seria necessário avaliar a partir de uma nova pesquisa mais atual e minuciosa no sentido de investigar quem são esses sujeitos professores desses espaços.

Da mesma forma que acontece no ensino de inglês nas escolas regulares, também nos institutos de idiomas, estes utilizam-se de livros e ‘metodologias’ denominadas a partir dos materiais adotados pelas editoras, as quais o instituto opta por usar um determinado livro ou série. Assim, o instituto acaba por adotar uma metodologia determinada pela editora que, por sua vez, após a venda do material, também realiza o devido “treinamento” para o uso correto do material produzido por

eles. Alguns desses institutos de idiomas produz seu próprio material e, assim, treinam também seus professores para o uso “adequado” desse material.

A metodologia desses espaços, institutos de idiomas, é determinada, em sua grandemaioria, pelo material adotado por eles. Ou seja, mais uma vez, as editoras estão a frente desses espaços, treinando e moldando os professores a cada início de semestre para o bom uso do seu material. Esses espaços são classificados como “cursos livres” pelo MEC, não havendo qualquer regulamentação mais específica quanto a formação de profissionais para atuar neles.

Ensino Bilíngue

O ensino bilíngue, que trata-se do que tentamos desmistificar em nosso estudo aqui proposto, apresenta uma diversidade de características, possibilidades e variáveis, explicitada na observação do histórico descrito anteriormente, que o torna bastante complexo. Atualmente, não existe uma regulamentação específica para a definição de uma escola bilíngue. Mas, de modo geral, a proposta pedagógica dessas escolas é o uso da segunda língua (inglês, japonês, alemão etc.) para o ensino dos conteúdos das diversas disciplinas do currículo estabelecido pelo Ministério da Educação (MEC). Os conteúdos curriculares são trabalhados de modo integrado com outras disciplinas possibilitando que o aluno adquira uma segunda língua. Nesse tipo de espaço escolar, as aulas não são de inglês, mas ministradas em inglês, ou seja na língua alvo, utilizada portanto como veículo, focadas no conteúdo normal e de acordo com a legislação vigente no Brasil, como explicita Marcelino, (2009, p. 10) ao dizer que “o conceito de escola bilíngue muda de país para país.

A escola bilíngue no Brasil é uma escola brasileira, com o diferencial de que os conteúdos escolares e interações ocorrem em inglês”. As escolas bilíngues de Natal, que oferecem esse tipo de ensino, apresentam modelos e referências distintas. Uma delas, com metodologia de imersão, tem como proposta, proporcionar aos seus alunos, dentro das horas em que estão na escola, a utilização do inglês na maior parte dos momentos do

dia, havendo apenas uma divisão dentro da sala de aula para momentos de inglês e português, há uma predominância do uso do inglês em atividades extra classe como no parque, educação física, ou mesmo ao passear pelos seus corredores, havendo, portanto, um foco não apenas no aprendizado da língua, mas na utilização social imediata da língua. Para que uma escola seja considerada genuinamente bilíngue faz-se necessário que 50% de seu conteúdo curricular seja ministrado em inglês. Essa é uma adaptação feita a partir de orientações de países com duas línguas, como o Canadá, por exemplo. Outras duas escolas da cidade correspondem a esse requisito. Em uma delas, a divisão é feita pelo tempo total de horas na escola, havendo uma divisão entre o momento de falar e ter aulas em inglês e a outra metade do tempo voltado ao falar e ter aulas em português.

Programa bilíngue

Diferentemente das escolas bilíngues, as instituições, que adotam programas bilíngues, costumam ter momentos específicos do dia para as aulas de inglês, podendo estar incluso na grade ou não, ou seja, a aula de inglês pode ser optativa. Mantêm a ideia de aulas em inglês, tirando o foco do ensino da língua, mas não ocorre em um ambiente de falantes de inglês, havendo o contato diário, porém não constante, ocorrendo apenas nas horas reservadas para tal fim. As escolas, que responderam ao questionário e apontaram o uso de programa bilíngue, possuem carga horária de no mínimo cinco horas e, no máximo, dez horas semanais. Os programas apontados foram “Sistema Positivo” e “International School”, autointitulando-se tradicional e sócio-interacionista, respectivamente.

Notadamente, o que percebemos enquanto destaque e diferencial para esses espaços foi o fato de que os materiais adotados e entendidos como “metodologia” dos programas bilíngues estão no material, que são produzidos pelo próprio programa, ou seja, no Brasil. Esses materiais não são mais trazidos de fora ou produzidos por editoras de outros países, mas passaram a ser elaborados por pessoas que fazem parte desse

grupo, desses programas bilíngues. Por consequência, deduz-se que os conteúdos adotados por esses materiais também passem por uma adequação às vivências mais próximas à realidade brasileira.

Diferentemente do que acontece com os professores contratados pelos institutos de idiomas, os quais não necessariamente precisam ter uma formação específica na área, para atuar como professores dos programas bilíngues, uma vez que esses estão inseridos dentro das escolas regulares, os professores passam a ter que possuir uma formação na área voltada a este segmento, seja em Pedagogia ou em Letras.

Os programas bilíngues já são uma realidade na cidade de Natal. Apesar de já existir de forma mais acanhada, os programas bilíngues começam a aparecer com maior evidência a partir de 2015. De lá para cá, 2018, em apenas 3 anos, eles já representam quase 20% dos “espaços bilíngues” na cidade de Natal. Acreditamos que essa possa não ser uma realidade fácil para as escolas e seus já perpetuados profissionais, uma vez que trata-se de algo novo e, aparentemente, considerado, por vezes, estranho, “estrangeiro”, aos olhos do ambiente catedrático escolar.

Considerações finais

Por fim, apresentamos nossas considerações finais buscando apontar desdobramentos a partir dos resultados aqui apresentados, no intuito de direcionar as razões do aparente crescimento quanto ao fenômeno do bilinguismo, e para o que resultou deste trabalho no sentido do que apontam as pesquisas.

Observamos que, a partir da pesquisa aqui apresentada, mesmo que em caráter experimental, torna-se menos nebulosa a utilização do termo ‘bilíngue’ e sua implicação nos espaços de aplicação da língua inglesa, ou seja, em contexto educacional. Ao se observar as grandes diferenças entre essas diversas modalidades de ensino de inglês, é possível compreender que o trabalho do professor bilíngue diferencia-se fortemente do professor de inglês, pois sua preocupação não se dá puramente ao processo de aquisição da língua estrangeira, mas também às diversas questões de aprendizagem e

desenvolvimento cognitivo da criança, como sugere Baker (2006 p. 307 apud SILVA 2010, p. 297), “professores de imersão têm que usar dois chapéus: promover o desempenho em todo o currículo enquanto garante a proficiência na segunda língua.” E a importância desse tipo de ensino se dá, não em prol da cultura de outro país como Estados Unidos, mas sim, nas palavras de Marcelino (2009, p. 11), como uma tendência presente no mundo globalizado, sendo importante como língua internacional, a escola, portanto, mantém uma cultura brasileira.

A entrada de escolas e programas bilíngues na cidade é bem recente, há menos de 20 anos. A primeira vez que uma escola bilíngue surgiu em Natal foi em 2005 e a primeira vez que uma escola ofereceu um programa bilíngue foi no ano de 2006, acontecendo com mais ênfase a partir do ano de 2015. Ao longo desses anos, mais e mais escolas vêm aderindo a programas bilíngues. Uma das escolas que entramos em contato citou, inclusive, que dará início ao programa bilíngue em sua escola a partir de 2019. Em razão também do número pequeno de estudos sobre o assunto, especula-se que esses possam ser motivos possíveis do número baixo de escolas que retornaram a nossa pesquisa, já que se trata de algo novo para as escolas regulares.

Assim, entendemos que todo esse movimento de invasão da língua inglesa ao ensino regular chega a assustar esse espaço, ou melhor, os sujeitos que pertencem a esses espaços, que parecem não estar preparados para receber essa avalanche de “bilinguismo”, que vem adentrando o tradicional espaço escolar. O que nos faz perceber que a escola regular pode não estar pronta para atender a essa demanda mercadológica, que precisa tanto dessa nova língua estrangeira, mas que precisa também desses espaços escolares com seus antigos sujeitos conhecedores da escola, mas atualizados a este novo formato, composto, agora, por esta nova língua, portanto, de fato, bilíngue e, por isso, multilíngue.

Sugerimos que novas pesquisas sejam desenvolvidas na área, pesquisas relativas à quantidade de professores que, de fato, são formados na área, e que estão exercendo a sua autonomia e não simplesmente se rendendo a um material que dita as regras e a

qualidade do ensino. Sugerimos pesquisas que façam um levantamento quanto a utilização de materiais produzidos no Brasil e materiais produzidos por editoras estrangeiras e as implicações do efeito em sala de aula.

Referências

BARRETO, Juliana P. S. *A formação informal do professor de língua inglesa: o desafio de aprender ensinando*. 2002. 92f. Trabalho de conclusão de curso – Universidade Potiguar, Natal, 2002.

ELLIS, Rod; ELLIS, Rod R. *The study of second language acquisition*. Oxford University, 1994.

FLORY, Elizabete Villibor; DE SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. *Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem*, v. 19, 2009.

GROSJEAN, François. *Bilingualism: A short introduction*. The psycholinguistics of bilingualism. 2013. p. 5-25,

HAKUTA, Kenji; GARCIA, Eugene E. Bilingualism and education. *American Psychologist*, v. 44, n. 2, p. 374, 1989.

MARCELINO, Marcello. Aquisição de segunda língua e bilinguismo. *Intercâmbio*, v. 3, p. 38-67, 2017.

MARCELINO, Marcello. Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas. *Intercâmbio*, v. 19, p. 1-22, 2009.

SCHULZ, Lisiane. Concepções de Língua, linguagem, ensino e aprendizagem e suas repercussões na sala de aula de língua estrangeira. *PLE-Pensar Línguas Estrangeiras*, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2012.